



O debate sobre as mudanças na Teologia da Libertação: lógica discursiva e dinâmica social

The debate on changes in Liberation Theology: discursive logic and social dynamics

Carlos Sell*

Resumo: O estudo analisa o debate existente no Brasil sobre as mudanças na Teologia da Libertação. Com base em uma nova definição sociológica do catolicismo da libertação, entendido como forma (rede intelectual e rede organizacional) e como espírito (metanarrativa política), mostra-se que, do ponto de vista de sua lógica discursiva, na primeira fase do debate, desencadeada pela crise do marxismo, tanto o objeto (sentido da noção de “pobre”) quanto a metanarrativa política (socialismo) desse discurso foram repensados. A segunda fase é marcada pelo questionamento da categoria pobre como fundamento epistemológico dessa teologia e pela busca de metodologias plurais. Do ponto de vista teórico, verificou-se que houve um aprofundamento e internalização crescente da crise da Teologia da Libertação, tornando seu perfil teórico-metodológico cada vez mais opaco e deslocando sua identidade para os seus elementos metanarrativos que lograram preservar seu caráter messiânico-escolástico. Para compreender a dinâmica social do debate, utilizam-se ferramentas da sociologia do conhecimento para entender como o debate sobre a Teologia da Libertação reflete padrões sociais de reação de grupos intelectuais diante de situações de crise. Consequentemente, frente à erosão do marxismo, os intelectuais da Teologia da Libertação comportaram-se como “mandarins” em busca de uma nova metanarrativa, e, diante das dissidências internas, enquanto “sacerdotes” que buscam legitimar o seu repertório tanto pela tradicionalização mítica de seu passado quanto pela oficialização de seu discurso no interior da igreja católica.

Palavras-chave: Igreja Católica; catolicismo; Teologia da Libertação; catolicismo da libertação.

Abstract: The study analyzes the existing debate in Brazil about changes in Liberation Theology. Based on a new sociological definition of Liberation Catholicism, understood as both a form (intellectual network and organizational structure) and a spirit (political metanarrative), it is shown that from the perspective of its discursive logic, in the first phase of the debate triggered by the crisis of Marxism, both the object (meaning of the notion of poverty) and the political metanarrative (socialism) of this discourse were reconsidered. The second phase is marked by questioning the category of poverty as the epistemological foundation of this theology and by seeking plural methodologies. Theoretical analysis reveals a deepening and increasing internalization of the crisis

* Pesquisador do CNPQ (2007- até o presente) com 2 pós-doutoramentos realizados na Universidade de Heidelberg (Ruprechts-Karl Universität), Alemanha entre 2010/2011 e 2017/2018. Atualmente é professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina. Possui graduação em Filosofia, realizada na Fundação Educacional de Brusque. É Mestre e Doutor em Sociologia Política pela Universidade Federal de Santa Catarina/UFSC. Tem experiência na área de Sociologia, voltando-se prioritariamente para os temas da Teoria Sociológica. Desenvolve pesquisa sobre o pensamento de Max Weber, discutindo os temas da racionalidade e do racionalismo, com ênfase em sua sociologia da religião e em sua sociologia política. Entre 2013 e 2016 atuou como Coordenador do GT de Teoria Social da ANPOCS (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais) e, entre 2016 e 2019, exerceu a função de Coordenador do GT de Teoria Sociológica da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia), cuja Diretoria também integrou no mandato 2015-2017. Membro do Núcleo de Pesquisa Sociofilo (IESP/RJ) e do SOCITEC (Sociedade Ciência e Técnica). Publicou, pela Editora Vozes, o livro MAX WEBER E A RACIONALIZAÇÃO DA VIDA, premiado pela ANPOCS como MELHOR OBRA CIENTÍFICA DE 2013. Foi o PRESIDENTE do 19º CONGRESSO de Sociologia da SBS (Sociedade Brasileira de Sociologia) realizado em 2019 na cidade de Florianópolis-SC. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3281-7045>.

of Liberation Theology, rendering its theoretical-methodological profile increasingly opaque and shifting its identity toward the meta-narrative elements that managed to preserve its messianic-eschatological character. To understand the social dynamics of the debate, tools from the Sociology of Knowledge are employed to explore how the discussion about liberation theology reflects social patterns of reaction among intellectual groups facing crisis situations. Consequently, in response to the erosion of Marxism, intellectuals of liberation theology behaved as “mandarins”, seeking a new metanarrative, and in the face of internal dissensions, they acted as “priests” seeking to legitimize their repertoire through both mythic traditionalization of their past and the officialization of their discourse within the Catholic Church.

Keywords: Catholic Church; catholicism; Liberation Theology; catholic liberation.

Introdução

Em 18 de junho de 2023, um evento de lançamento de um livro de Frei Clodovis Boff (2023), um dos principais expoentes da Teologia da Libertação (TdL), surpreendeu o campo intelectual católico brasileiro. Nele, o estudioso apresentava essa teologia como uma das principais causas da atual crise da igreja católica no Brasil. O significado e o alcance dessa manifestação advêm do fato de que, com ela, o debate sobre os rumos dessa corrente teológica chegou a um novo patamar: que um dos fundadores dessa visão teológica se coloque abertamente na posição de crítico foi um fato sem precedentes e com um enorme peso simbólico nas disputas de poder existentes no campo institucional católico.

É claro que a discussão sobre a crise e busca de renovação da TdL é muito anterior a esse evento e a reflexão de Clodovis Boff também deve ser compreendida no bojo deste mesmo processo. Os autores que já analisaram tal debate até agora partilham do diagnóstico de que a TdL procurou libertar-se do caráter materialista que herdou do marxismo. Mas, enquanto para alguns (Camurça, 1998 e Steil, 1999) o novo caráter místico-esotérico da TdL foi interpretado como uma busca de ir além das estruturas oficiais da igreja católica e alicerçá-la no individualismo religioso contemporâneo, para Sofiati (2013) tratava-se, ao contrário, de um movimento de fuga para o interior da própria instituição.

A despeito das contribuições fornecidas por esses trabalhos, as ciências sociais da religião, no Brasil, deixaram de acompanhar as transformações da TdL, cujo debate ainda continua e apresenta sensíveis desdobramentos. Em vista disso, o objetivo central deste trabalho será continuar a reflexão a respeito do debate existente entre intelectuais católicos brasileiros sobre os novos rumos da TdL.

O que se busca não é fixar um entendimento teórico do que seria, atualmente, a nova configuração epistemológica dessa teologia. Com base em uma nova definição sociológica do cristianismo da libertação (parte 1), o que se busca, em primeiro lugar, é periodizar as fases do debate e destacar seus temas mais relevantes (parte 2). A partir desse exercício descritivo, pretende-se identificar alguns mecanismos e processos sociais que explicam os rumos da discussão (parte 3). Nos termos de Habermas (1983), trata-se de delinear tanto a lógica de desenvolvimento (na dimensão discursiva) quanto a dinâmica de desenvolvimento (na dimensão social) do debate entre intelectuais católicos.

Em busca de uma nova definição: a “forma” e o

“espírito” do catolicismo da libertação

Até hoje, a definição mais utilizada no Brasil para refletir sociologicamente sobre a TdL é o conceito de cristianismo da libertação de Michael Löwy (2000). Mas, além de considerar algumas de suas limitações analíticas intrínsecas, é preciso levar em conta que esse discurso teológico já sofreu uma série de mudanças significativas ao longo do tempo, o que nos coloca diante da necessidade de atualização do conceito.

A definição de Löwy articula-se em três níveis. No plano da forma, ele assume a tese de que a TdL “é, ao mesmo tempo, reflexo de uma práxis anterior e uma reflexão sobre essa práxis” (Löwy, 2000, p. 56). Esse pressuposto ganha roupagem sociológica com a TdL entendida simultaneamente como corpo de textos e como amplo movimento social. Esses dois aspectos são denominados por ele como cristianismo da libertação “por ser esse um conceito mais amplo que ‘teologia’ ou que ‘igreja’ e incluir tanto a cultura religiosa e a rede social, quanto a fé e prática” (Löwy, 2000, p. 57). Por fim, a definição de Löwy também procura definir qual é o caráter específico do cristianismo da libertação que, em alusão a Max Weber, representa uma forma de “religiosidade soteriológica comunitária” (Löwy, 2000, p. 58).

No Brasil, foram especialmente Valério (2012) e Amaral (2016) que discutiram criticamente vários aspectos dessa definição. O primeiro observou que a definição de Löwy reproduz o mito do caráter popular desse discurso e ignora o fato de que seus intelectuais são atores solidamente instalados em posições dominantes na hierarquia católica. A despeito desses limites, ele manteve a distinção entre discurso e movimento, pois ela nos ajuda a entender que, do ponto vista sociológico, a TdL é muito mais do que uma teoria (corpo de textos). Já a reflexão de Amaral (2016) delimita a análise da TdL ao campo da igreja católica, razão pela qual propôs substituir a expressão “cristianismo” por “catolicismo” da libertação. Ao invés de preservar a distinção texto/movimento, procurou repensá-la a partir da distinção entre espírito e a forma do catolicismo da libertação.

Na mesma linha argumenta Malik Tahar Chaouch (2007), pois ele questiona as visões apologéticas que opõem igreja popular e igreja institucional, enquanto também identifica problemas em definir a TdL como movimento social, pois isto acaba por apagar as diferenças entre base popular e elites intelectuais. Servindo-se da noção de campo social de Pierre Bourdieu, Chaouch prefere pensar a TdL como uma rede. Seu estudo mostrou como o centro nevrálgico da TdL não é o povo organizado assessorado por intelectuais orgânicos, dado que ela consiste em uma rede de intelectuais formada especialmente por clérigos do espaço institucional da Igreja e do espaço acadêmico católico e que estão inseridos em amplos espaços de articulação internacional. Em consequência, longe de ser exclusivamente latino-americana, a TdL é uma realidade essencialmente transcontinental.

Essas críticas nos oferecem parâmetros importantes para aprimorar nossa compreensão sociológica da TdL, mas também elas necessitam ser criticamente consideradas. Como podemos, pois, absorver suas contribuições e integrá-las em um esquema teórico comum? Tendo em vista esse objetivo, sigo Valério (2012) quando insiste na necessidade de preservar a dualidade discurso/movimento, mas entendo que essa distinção precisa ser melhor definida analiticamente. Nessa direção, acompanho Amaral (2016) quanto à necessidade de uma maior delimitação do objeto de análise, razão pela qual também prefiro falar de catolicismo ao invés de cristianismo da libertação, pois a TdL é um fenômeno predominantemente católico.

Da mesma forma, também penso, como ele, que as categorias weberianas de forma e espírito constituem uma distinção analítica mais pertinente para explicitar a diferença entre a dimensão discursiva (texto) e a dimensão organizacional (movimento) do

catolicismo da libertação. Por fim, no quesito organizacional, ao invés de conceituar esse fenômeno como um campo, que na verdade diz respeito às grandes esferas de atividade da vida social (economia, política, religião, etc.), como faz Chaouch (2007), prefiro lançar mão de uma categoria largamente utilizada por ele, mas que não foi devidamente aproveitada em seu trabalho: a categoria de rede.

O resultado geral é que o tríplice plano de análise proposto por Löwy, que nos remete ao nível discursivo/semântico, ao nível estrutural e ao seu caráter político-religioso, ainda pode nos servir como referência geral para identificar os diferentes níveis em que o catolicismo da libertação necessita ser conceituado como objeto de reflexão sociológica. Inspirando-nos em Max Weber, podemos dizer, então, que o nível discursivo e o nível estrutural dizem respeito à forma do catolicismo da libertação, enquanto seu caráter religioso diz respeito ao seu espírito. Mas, como essas duas dimensões podem ser desdobradas analiticamente?

No plano da forma, proponho repensar a dualidade discurso/movimento pela distinção semântica/estrutura. Na visão de Luhmann (1980), enquanto a semântica nos remete à dimensão simbólica dos sistemas sociais, a estrutura diz respeito aos seus mecanismos de estabilização institucional. Embora não comungue dos rígidos pressupostos sistêmicos da teoria de Luhmann, essa nomenclatura permite caracterizar com maior precisão os elementos morfológicos que definem o catolicismo da libertação na sua dupla acepção simbólico/discursiva e institucional/estrutural. Isso já nos prepara para novas determinações analíticas.

Isso porque, no tocante à dimensão semântica, é preciso considerar ainda que o corpo de textos que constitui a TdL enquanto discurso é produzida por atores sociais específicos do campo institucional católico: o segmento dos intelectuais. É essa rede que constitui, em termos concretos, os portadores que caracterizam o catolicismo da libertação como discurso. Também na dimensão estrutural cabe introduzir uma nova diferenciação, pois a categoria movimento acabava por diluir a especificidade dos atores e das organizações religiosas ligadas ao catolicismo da libertação no campo político. Seu problema é que ela não deixa claro o quanto a dimensão organizacional da TdL está ancorada e ligada ao aparato institucional da igreja.

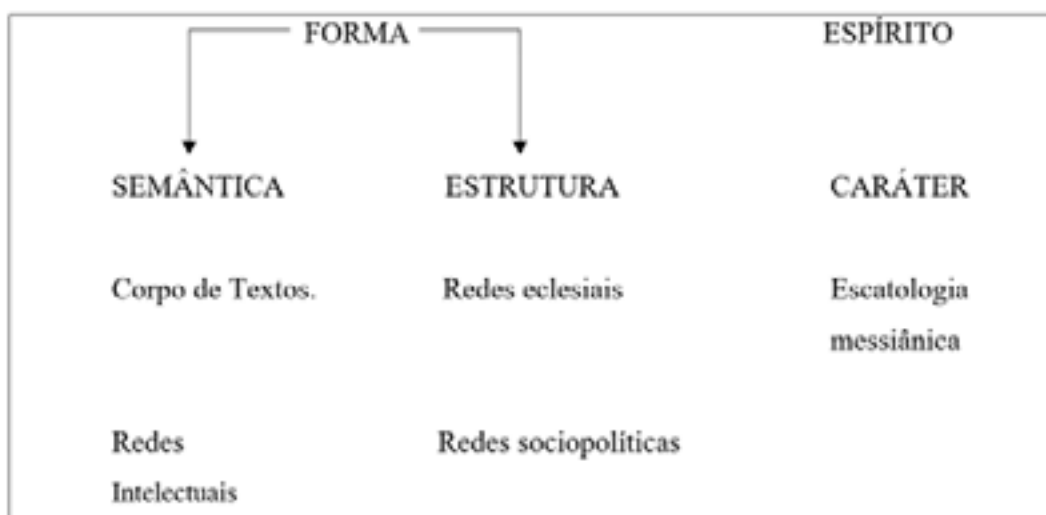
Para sanar essas limitações, proponho o uso da categoria “rede” ao invés de “movimento”, ao mesmo tempo em que aponto para a necessidade de diferenciar analiticamente entre a rede de indivíduos e organizações do campo eclesial e a rede de indivíduos e organizações do campo político. Entre as redes eclesiais podemos contar, principalmente, as CEBs e as pastorais sociais da Igreja, enquanto as redes sociopolíticas dizem respeito aos organismos ou entidades que viabilizavam a ação do catolicismo da libertação no campo sociopolítico.

Resta, por fim, o terceiro nível da definição, que perpassa os outros dois, pois diz respeito ao caráter do catolicismo da libertação enquanto um tipo específico de religiosidade. Nesse ponto, pode-se concordar com Pedro Ribeiro de Oliveira (1999) quando este caracteriza essa tendência católica como uma forma de religiosidade messiânica. Ocorre que as ideias de soteriologia (Valério, 2012) e de rejeição do mundo (Amaral, 2016) dizem respeito ao cristianismo como um todo e não como algo específico da semântica da libertação.

A definição de Löwy, por outro lado, ignora que dado o caráter institucionalizado de muitos organismos e pastorais do cristianismo da libertação, suas formas organizacionais, além de comunitárias (*Gemeinschaft*), também possuem traços societários (*Gesellschaft*), quer dizer, fortemente burocratizados. Portanto, ao contrário dessas definições, adoto de Max Weber o conceito de religiosidade escatológico-messiânica (MWG I/22-2, p. 82), que podemos diferenciar da religiosidade mágico-animista (MWG I/22-2, p. 48) do catolicismo popular, bem como da religiosidade congregacional pneumático-entusiástica (MWG I/22/2, p. 46) comum à renovação carismática católica.

Podemos apresentar os resultados obtidos por nossa discussão da seguinte forma:

Quadro 1: Sociologia do catolicismo da libertação



Fonte: Elaboração do autor (2024).

Com base nesse esquema, passemos à análise do debate sobre as transformações da dimensão semântica do cristianismo da libertação.

Fase e temas de um debate em curso

Tomando-se como ponto de partida o ano de 1989, ano da queda do muro de Berlim, o debate sobre a revisão da TdL já ingressou em sua terceira década, distância que nos permite identificar, nele, dois momentos principais. Na discussão que segue, embora não se pretenda realizar um inventário complexo de todo material publicado nesses dois períodos (universo da pesquisa), selecionam-se alguns textos teóricos de maior impacto no Brasil (amostra da pesquisa) de modo a poder caracterizar quais os principais temas discutidos em cada uma dessas fases.

Reagindo à crise do marxismo

Com a eleição de João Paulo II (em 1979), e, posteriormente, a nomeação de Josef Ratzinger ao posto de Prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé (em 1982), o catolicismo da libertação, que encontrava amplo apoio no episcopado brasileiro, passou a ser questionado pelas instâncias mais altas do governo da igreja católica. Foi nesse contexto que uma obra de Leonardo Boff, o principal expoente brasileiro dessa corrente teológica, acabou sendo posta sob julgamento.

Mas, ainda que os processos disciplinares da Congregação para a Doutrina da Fé contra alguns teólogos da América Latina tenham representado um sério desafio para a TdL, na prática seu desfecho positivo conduziu ao seu reconhecimento oficial por parte da instituição. Essa crise institucional não foi nada comparável àquela que se abateria sobre a TdL com o fim do socialismo historicamente existente (em 1991) e os questionamentos que trouxe para o marxismo. Esse evento desencadeou na TdL uma crise teórica, pois atingiu um dos elementos constitutivos de seu discurso teológico e colocou xeque o conjunto de sua moldura epistemológica.

A incidência da crise do marxismo sobre a estrutura teórica da TdL pode ser facilmente identificada pelos textos de balanço produzidos por seus intelectuais. Assim, em 1985, no aniversário de 15 anos da TdL, Clodovis Boff ainda achava, de forma confiante, que ela havia passado da condição de “menina” a “menina moça”. No aniversário de 20 anos (em 1991), porém, a tonalidade do discurso mudou drasticamente de ênfase, e Pablo Richard (1991, p. 206) foi claro em dizer que “a TdL não seguirá existindo por inércia ou só repetindo seus esquemas originais. É necessário também repensar a TdL na nova conjuntura: recriar e reprogramar a TdL em direção ao futuro”.

De forma pioneira, ele já falava da necessidade de dialogar com três áreas ciências: a economia, a ecologia e a antropologia. No ano seguinte, também João Batista Libânio (1992, p. 151) foi um dos primeiros a reconhecer que a TdL estava em um “período de revisão”. Segundo ele, “tal marco não só necessita ser ampliado como também revisto em profundidade por causa de suas insuficiências, entre elas, da hipertrofia da classe em detrimento de aspectos culturais e sexuais da realidade” (Libânio, 1992, p. 152).

Ao revisar todo esse debate e ao se perguntar, em tons dramáticos, se a TdL morreu, Cláudio de Oliveira Ribeiro (2003) mostrava que naquela época já era possível distinguir duas tendências no debate sobre o futuro dessa corrente teológica. Enquanto a primeira postulava apenas uma ampliação de seus horizontes temáticos, outros teóricos, seguindo a formulação de Thomas Kuhn, postulavam uma mudança de paradigma.

Vigil (1998), por exemplo, reconhece que a TdL vinha sofrendo uma série de modificações menores, especialmente no nível de suas mediações analíticas. Mas o seu paradigma maior, em nível sistemático, que propõe uma leitura histórico-escatológica do cristianismo, permaneceu inalterado: não haveria por que falar de mudança de paradigma. A mesma tese pode ser encontrada na revisão de Victor Codina (1999), que identificava dois grupos opostos na TdL: em primeiro lugar, aqueles que esboçavam uma resposta positiva à crise da TdL sugerindo sua ampliação temática, mas sem admitir uma crise em sua estrutura epistemológica; e, em segundo lugar, a resposta crítica que propugna uma nova análise, uma nova iluminação teológica e uma nova prática.

Essas discordâncias nos revelam que o debate sobre a renovação da TdL seguia duas linhas principais de desenvolvimento: uma delas focada no objeto (pobre) e outra focada na forma (paradigma). Enquanto essa primeira linha se confrontava com os problemas oriundos do uso do marxismo como instrumento de análise social, a segunda enfrentava o problema da erosão da metanarrativa histórica de substituição do capitalismo pelo socialismo, que a TdL tinha herdado de suas origens ligadas à teoria da dependência. Vejamos cada uma dessas linhas com mais detalhe.

- i) A primeira defendia a ampliação do conceito de pobre para além de sua dimensão material, de modo que ele abarcasse, também, as dimensões cultural, de gênero, de etnia (indígenas), de raça (negros), ecológica e assim por diante (Libanio, 2013). Mais do que o alargamento da noção de sujeito oprimido, essa ampliação também permitiu que a TdL incorporasse ao seu arsenal outras teologias setoriais (teologia feminista, negra e da cultura, entre outras) de modo a que também elas pudessem ser consideradas partes da TdL. Essa revisão da noção do pobre trouxe amplas consequências para a identidade da TdL, que, assim, se desprendia da dependência do marxismo e da noção material de classe.
- ii) Mas essa mudança no objeto não chegou a questionar a estrutura epistemológica desse discurso, razão pela qual seus intelectuais orgânicos começaram a mobilizar cada vez mais a noção de mudança de paradigma (Susin, 2013). Nessa busca, dois amplos projetos temáticos se destacaram.

O primeiro foi a elaboração de uma teologia crítica da economia neoliberal que começava a se impor na AL mediante as reformas estruturais de mercado dos anos 1990. Essa versão econômica da TdL começou a ser desenvolvida no México e na Costa Rica por dois intelectuais: Hugo Assmann e Franz J. Hinkelamert. O principal livro da dupla foi traduzido para o português em 1989 e foi a partir desse impulso que Jung Mo Sung (1993), seguindo as intuições de seu orientador, Julio de Santa Ana, identificava uma anomalia na TdL: sua fixação enquanto teologia política e a falta de desenvolvimento consistente de uma teologia econômica. Mas, o esforço de Sung ficou isolado e o deslocamento epistemológico da TdL do eixo político para o econômico não se consolidou como a linha predominante de renovação dessa corrente teológica.

Isso se deve ao impacto de outro projeto de refundação epistemológica proposto por um de seus principais ícones: Leonardo Boff. Nesse caso, mais do que a agregação de novos sujeitos (aspecto do objeto), o que temos é o desenvolvimento de uma nova racionalidade epistemológica (aspecto da forma). Não é meu objetivo, aqui, descrever o projeto teórico de Boff em termos teológico-sistemáticos (veja Bock, 2002). Mas é nítido que, a partir de 1992, quando deixa oficialmente a ordem franciscana e a condição de clérigo, uma nova fase de seu pensamento se inicia. Ela se manifesta, pela primeira vez, em um capítulo de livro publicado em 1993 que apresenta a ecologia como um novo paradigma (Boff, 1993, p. 17-58). No ano seguinte, ele já apresentava essa nova consciência planetária como um sinal de que “lentamente está surgindo uma nova esperança” (Boff, 1993, p. 84). Por essa via, Boff logra transladar a TdL da metanarrativa histórica capitalismo/socialismo para um novo horizonte marcado pelo projeto de reencantamento do mundo (Oliveira, 1998). Concomitantemente, incorporando

elementos da teologia das religiões (Baptista, 2011), essa nova metanarrativa conecta-se com a religiosidade individualizada (místico-esotérica) da realidade contemporânea.

Reagindo às dissidências internas

Quando, em 2008, Clodovis Boff publicou o artigo “Teologia da Libertação: volta ao fundamento”, ele radicalizou ainda mais a crise dessa teologia, pois passou a questionar sua categoria mais sensível: a questão do pobre (Boff, 2008). Para ele, não se tratava somente de libertar essa categoria de sua leitura materialista, pluralizando seu sentido, mas sim de questionar mesmo seu papel teórico enquanto fundamento de uma teologia. E ele fez isso com a autoridade de quem produziu os principais trabalhos sobre a epistemológica da TdL, que ele explicou organizar-se metodologicamente a partir da distinção entre mediação socio-analítica, mediação hermenêutica e mediação da práxis (Brighenti, 2022).

Com efeito, foi sua tese de doutorado, defendida em Louvain/Bélgica (em 1976), que estabeleceu, a partir do método da Ação Católica (ver/julgar/agir), a principal base metodológica da TdL (Boff, 1978), entendida como uma forma de teologia política que nasce da práxis (ponto de partida) e retorna até ela (ponto de chegada). Com seu questionamento, começava, assim, uma nova fase do debate sobre a semântica do catolicismo da libertação (Leite, 2022).

Repensando sua visão inicial, Clodovis Boff (2023) passou a afirmar, agora, que a TdL padece de uma ambiguidade constitutiva na medida em que a opção pelos pobres ocupa o lugar daquele que deveria ser o seu princípio primeiro e anterior: Deus e Cristo. Para ele, o pobre pode até ser tomado como ponto de partida no sentido material/temático, mas não como princípio teológico formal ou fundante da teologia. A raiz desse problema reside, em última instância, na adesão da TdL ao espírito da modernidade e sua visão antropocêntrica.

Apesar de acertar em cheio no núcleo teórico da TL, o texto de Clodovis Boff viu no documento da Conferência de Aparecida (Bento XVI, 2007), e no seu ponto de partida cristológico, a possibilidade da superação de seus dilemas. Nesse sentido, o autor reflete o entendimento dado à questão pelo papa Bento XVI (2007, [s.p.]), que afirmou em Aparecida que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza”. Com a obra de Clodovis Boff pode-se dizer que finalmente a versão controlada e oficial do Vaticano encontrou uma expressão teórica no interior da rede intelectual dos teólogos da libertação.

As críticas de Clodovis Boff colocaram em questão os dois pilares da refundação epistemológica da TdL: o alargamento da noção de pobre (objeto) e a sua metanarrativa histórica (forma). Afinal, se o pobre não pode ser o centro da teologia e a missão da igreja é antes espiritual do que sociopolítica, estes dois fundamentos semânticos da TdL carecem de sustentação teórica. Mas, além de ficar isolado da rede dos teólogos da libertação, a eleição do cardeal argentino Jorge Mario Bergoglio ao posto de Papa, em 2013, modificou novamente os termos da discussão e acabou criando uma janela

de oportunidade para reconfigurações no campo semântico desse discurso teológico. Por um lado, ela favoreceu uma maior pluralização do entendimento sobre a natureza da TdL no Brasil e, por outro, permitiu que ela assumisse a posição de discurso oficial da igreja. Vejamos cada um desses aspectos separadamente.

- i) Em primeiro lugar, a eleição de Francisco ajudou a difundir, no Brasil, a versão argentina da TdL que, diferente da versão predominantemente brasileira, mais marcada pelo marxismo, estava calcada na noção de povo e não tanto na noção de pobre. A teologia argentina do povo nasce dos trabalhos da COEPAL (Comissão Episcopal de Pastoral), órgão criado pelos bispos argentinos em 1966 para aplicar as diretrizes do Concílio Vaticano II. No centro dessa teologia não está a questão da dependência capitalista e da luta de classes (como em Gutiérrez e Boff), mas a noção do povo-nação como sustentáculo da religiosidade popular. É nesse ponto que a teologia do povo e a teologia marxista da libertação encontram seu elo comum (Scanonne, 2019). A renovação da sociedade e da cultura, portanto, emerge da riqueza da cultura religiosa do povo pobre e não tanto dos movimentos organizados da sociedade civil. Não que os teólogos da libertação do Brasil simplesmente tenham adotado essa versão teórica. O que se pode constatar é que a eleição do papa argentino ajudou a rede intelectual brasileira dos teólogos da libertação a se apropriar mais intensamente do conteúdo de outras versões latino-americanas dessa teologia, razão pela qual passou a falar-se de teologias no plural (Sbardelotti; Barros; Guimaraes, 2022). Aquino Júnior (2010; 2012), por exemplo, defendeu a diversidade metodológica da TdL a partir das obras de Gustavo Gutiérrez, Juan Carlos Scannone, Clodovis Boff, Juan Luis Segundo e Ignacio Elacurria, que ele entende ser “a mais fiel às suas intenções básicas e originais” (Aquino Júnior, 2010, p. 23). O que importa observar aqui é tentativa de dissolver o pressuposto de que os escritos de Clodovis Boff representam o único ou mesmo o principal método da TdL. Ao dissociar a equação que simplesmente toma o método de Clodovis Boff como o método por si da teologia da libertação, Aquino Júnior reage frontalmente ao deslocamento do debate do âmbito do objeto e das metanarrativas da TdL (ênfase da fase anterior) para a nova frente de combate aberta por Clodovis Boff: a pertinência do próprio método da semântica dos teólogos da libertação.
- ii) Vejamos, agora, o segundo ponto, a lembrar, a influência da eleição de um papa de origem latino-americana sobre os rumos da TdL. Podemos dimensionar a importância desse fato a partir de uma frase dita por Leonardo Boff (2022 [s.p.]) sobre sua relação com Francisco em entrevista concedida ao jornalista Marcel Tas: “[...] mas ele é da nossa linha”¹⁴. Com essa afirmação, fica claro que a rede de intelectuais da TdL percebia essa eleição como a passagem de sua semântica da condição periférica para o centro diretriz da igreja católica. Apesar do acerto geral dessa constatação, pois é verdade que o papa argentino traz consigo as marcas da teologia do povo, ela precisa ser devidamente matizada.

1 Na mesma linha, pode-se consultar entrevista dada por Leonardo Boff (2007 [2016]) para o *Kölner Stadt Anzeige*.

Como ponderou Ole Jakob Løland (2021), é fato que Francisco, em especial com a canonização de Oscar Romero, ajudou a aproximar a TdL e o Vaticano, mas ele jamais se apresentou como um representante dessa corrente ou mesmo fez dela a base teórica de seu pontificado. Além de não poupar críticas à TdL, a apropriação que ele faz de suas ideias é parcial e seletiva e, mesmo neste caso, ele nunca apresentou essa teologia como a fonte direta e principal de sua visão de mundo. Tudo isso nos impede de entender seu pontificado como um simples reflexo e implementação da TdL.

Independente disso, a eleição de um papa forjado nas ideias da TdL (de versão argentina) permitiu que a rede de teólogos da libertação encontrasse uma nova forma de legitimação de seu discurso. Agora, ao invés de representantes de uma igreja popular que se contrapõe à igreja institucional e que é perseguida por ela, a TdL passa a ser apresentada como uma forma de teologia apoiada e em parte incorporada pela instituição. Agenor Brighenti (2021), por exemplo, em pesquisa realizada com os padres católicos, apresenta a perspectiva da TdL como uma tradição libertadora presente Medellín, Puebla, Santo Domingo e Aparecida. Sustenta, ainda, que “o atual bispo de Roma levou consigo (essa) experiência eclesial madura” (Brighenti, 2021 p. 152).

Da mesma forma, um documento da CNBB (2023) reage especialmente ao avanço dos grupos neotradicionalistas e conservadores no espaço das mídias sociais e afirma que esse modelo de igreja [da TdL], cuja fonte é a teologia conciliar, conheceu no Brasil e nos demais países da América Latina e do Caribe uma configuração única, que alcançou sua maturidade na liderança e no magistério do Papa Francisco.

A transformação da TdL em tradição (conferências episcopais) e em magistério (Francisco) indica que essa semântica vem investindo em seu processo de oficialização. Com a eleição de Francisco, a semântica da TdL ultrapassa a lógica da legitimação carismática (anti-institucional) e ingressa no registro da legitimação simbólica de tipo burocrático (institucional).

Em busca dos mecanismos sociais

O tópico acima cumpriu um objetivo primordialmente descritivo e apresentou o objeto que, agora, será abordado de forma explicativa. Fazendo uso da distinção habermasiana entre a lógica do discurso e sua dinâmica social busca-se levantar alguns elementos que nos permitam entender os processos sociais envolvidos no debate travado no interior da rede de teólogos da libertação sobre as mudanças em seu discurso.

A lógica da dimensão discursiva

Dividindo-se o debate teórico sobre a revisão da TdL em dois períodos, constatamos que ele se concentra no tema do objeto e da forma na primeira fase e se desloca para o tema do método no momento seguinte. Mas, enquanto nessa primeira fase o debate estava marcado pela tentativa de renovação semântica da TdL, o segundo período é marcado por uma dupla dinâmica de dissidência interna e de oficialização.

Com as autocríticas de Clodovis Boff, o debate sobre o papel da categoria pobre na TdL avança sobre seu fundamento metodológico, ou seja, para sua própria estrutura epistemológica. Em reação a esse processo, observa-se que os teólogos da libertação vêm buscando flexibilizar o entendimento e pluralizar o método da TdL. E, ao mesmo tempo, buscam novas formas de legitimação dessa abordagem, elevando-a à categoria de magistério latino-americano e de magistério pontifício.

Se observarmos, para além da descrição, qual a lógica teórica que atravessa todo esse debate, podemos constatar dois aspectos. Em primeiro lugar, como o processo de crise teórica dessa teologia se radicaliza e aprofunda cada vez mais. Com efeito, enquanto na primeira fase é apenas um dos elementos do seu método que estava em debate (o uso instrumental do marxismo), na segunda fase é o próprio fundamento do método – e isto na sua integralidade (o pobre como ponto de partida da teologia) – que é questionado. Trata-se, portanto, de um processo de internalização crescente do debate que começa com os elementos externos à teoria até chegar ao seu núcleo interno.

Em segundo lugar está o fato de que esse debate incide sobre a própria identidade da TdL enquanto projeto teórico. Ocorre que, no bojo do processo de redefinição dessa teologia, seu objeto e seu método foram se tornando cada vez menos determinados, delimitados e precisos, para se tornarem cada vez mais indeterminados, difusos e imprecisos.

No conjunto, a semântica da TdL transitou da concretude para a abstração. Essa opacidade dificulta cada vez mais individuar sua especificidade teórica e definir sua identidade (quididade) enquanto discurso especializado. Afinal, o que é, metodologicamente falando, a teologia da libertação?

Tendo em vista a dificuldade de responder a essa pergunta, não é por acaso que a sustentação da identidade da TdL enquanto semântica discursiva deslocou-se de seus elementos teóricos mais específicos (objeto e método) para o elemento mais genérico de sua metanarrativa. E embora ela tenha abandonado o horizonte da ruptura da dependência via socialismo (que marcou seus inícios), trocando este conteúdo pela tese da ascensão do neoliberalismo ou pela transição ecológica, do ponto de vista da forma, o elemento metanarrativo de seu discurso permaneceu intacto. Posto de outra forma, a TdL (enquanto discurso), embora cada vez mais vaga quanto a seu objeto e seu método, conseguiu substituir sua filosofia da história: ela absorveu o fim de uma metanarrativa determinada, mas jamais abandonou seu caráter de metanarrativa enquanto tal. Ainda que sua especificidade epistemológica tenha se diluído, o fator que confere identidade ao discurso semântico da TdL é, ao final, o espírito que lhe serve de fundamento. Independente da concretude de seu objeto ou de seu método, é o caráter de religiosidade messiânico-escatológica que responde pelos elementos que delimitam, hoje, sua identidade.

A dinâmica da dimensão social

Com a identificação de alguns dos padrões discursivos que, em diferentes fases, regem o modo como os intelectuais da TdL buscaram redefinir o conteúdo, os métodos

e o lugar desta corrente teológica na igreja, já alcançamos uma aproximação inicial dos processos sociais envolvidos nesse debate. No entanto, se quisermos avançar no entendimento especificamente sociológico desse processo de discussão, precisamos identificar, ainda, quais são os mecanismos e processos especificamente sociais que estão implicados nesse debate.

Para realizar essa tarefa vamos nos servir das contribuições de Armin Steil (2013), cujo trabalho ajuda a entender de que modo essa categoria social reage diante de situações de crise, como a vivida pelos teólogos da libertação. Tomando como modelo e adaptando a tipologia dos atores religiosos de Max Weber, ele distingue três atitudes básicas desses grupos intelectuais:

Quadro 2: Sociologia da Crise

	PROFETA	SACERDOTE	MANDARIM
SITUAÇÃO	Marginal	Representante da velha ordem	Elite intelectual
LEGITIMAÇÃO	Revelação pessoal	Conhecimento da tradição	Educação
SEMÂNTICA DA CRISE	Esperança em uma sociedade melhor	Retorno às origens	Historiografia
REFERÊNCIA	Utopia	Mito	História

Fonte: Römer (2015, p. 262).

O que a tipologia de Steil procura entender é o que a retórica da crise nos diz sobre a disposição de um grupo social. Além disso, é necessário interpretar a função social de seus discursos que é dupla, pois, além da função explicativa, eles possuem também uma função motivacional. Nessa medida, enquanto o profeta enxerga na crise a oportunidade para uma sociedade melhor, o sacerdote constrói uma interpretação mítica do passado. O mandarim, por sua vez, em atitude mais distanciada, procura situar a situação de crise no contexto mais amplo de uma filosofia da história.

Por se tratar de tipologia sincrônica, ela pode ser facilmente adaptada para entender a lógica social vivida pela rede intelectual da TdL no desenrolar de seu processo de redefinição semântica. Dessa forma fica claro que a origem e ascensão da TdL, momento em que ela é fortemente dependente da metanarrativa socialista, representa sua fase profética, pois seus intelectuais buscam legitimar seu discurso em contraposição ao caráter oficial da institucional e podem contar confiantemente com a possibilidades de uma transformação em curso no processo histórico. Na fase fundacional, portanto, não é a TdL que está em crise, mas sim o sistema eclesial e social que ela busca transformar.

No entanto, a erosão da base metodológica marxista e da utopia socialista da semântica da libertação trouxe a crise para dentro desse discurso. Em consequência, modificou-se também a disposição desse grupo social que, da atitude profética, passou a assumir a posição de mandarim. Isso significa que, nessa primeira fase de revisão, a crise da TdL é interpretada como algo que ocorre na superfície dos acontecimentos, pois na corrente mais profunda da filosofia da história, agora caracterizada por uma nova mentalidade científica e pela crise ecológica, as possibilidades de transformação social, ainda que não sejam iminentes, ainda permanecem dadas. Por fim, em sua atual fase, na qual o fundamento metodológico da TdL (a centralidade do pobre e sua função política) foram radicalmente questionados, obrigando seus intelectuais a defenderem uma noção mais plural e vaga desse discurso, a assunção de parte do repertório da TdL da parte do Papa Francisco viabiliza que seus intelectuais elaborem uma nova disposição frente a realidade.

A nova conjuntura permite que o passado da TdL possa ser revisitado para ser transformado em narrativa mitológica, ou seja, como referência simbólica consagrada para inspirar o presente, seja para explorar novas possibilidades metodológicas (inspirada em seus autores fundacionais), seja ainda forjar uma nova forma de legitimação de seu discurso. Nessa nova fase, portanto, o passado e o legado da TdL, especialmente aquele oficializados nos documentos da igreja na AL (magistério), assume a forma de autoridade (mito).

Na passagem da fase do “mandarinato” (elaboração de uma nova filosofia da história) para a fase “sacerdotal” (tradicionalização ou oficialização do discurso), importa perceber não apenas a mudança no conteúdo da retórica da crise (função explicativa), mas também as mudanças em sua função motivacional. Com efeito, na primeira fase de sua revisão discursiva, a TdL tinha que se defrontar com uma crise de esperança causada pelo colapso de seu projeto político. Por esse motivo a retórica da crise precisa cumprir a função de garantir a coesão do grupo diante das mudanças na conjuntura externa: advém desse fator o recurso a uma nova filosofia da história. Em sua atual fase, marcada pela dissidência interna, pelo questionamento de seus métodos e pela perda de atratividade entre a porção mais jovem do clero, a rede intelectual do catolicismo da libertação e sua semântica precisam enfrentar o desafio de defender não apenas a plausibilidade epistemológica do seu discurso, mas, principalmente, sua disseminação e difusão no seio da Igreja: nesse contexto, a mitificação (oficialização de seu discurso) desponta como uma opção viável.

Considerações finais

O catolicismo da libertação é um dos fenômenos mais significativos e importantes da igreja católica no Brasil, porém mudanças na conjuntura social e eclesial provocaram uma crise em sua estrutura teórica e desencadearam um intenso debate intelectual sobre os caminhos para sua revisão. A proposta deste artigo foi descrever as fases e as temáticas mais relevantes desse processo de debate. Demonstrou-se, assim, que na primeira fase, frente à crise do marxismo, buscou-se repensar seu objeto através da ampliação

da noção pobre e pelo repensar da forma desse discurso através da substituição da metanarrativa socialista pela ecológica. Na segunda fase, alguns intelectuais de seu próprio meio passaram a questionar seus fundamentos metodológicos. Do ponto de vista da lógica discursiva do debate, percebe-se um processo de aprofundamento e internalização crescente de sua crise, tornando seu perfil teórico-metodológico cada vez mais opaco e deslocando sua identidade para os seus elementos meta-narrativos que lograram preservar o caráter messiânico-escatológico desse discurso.

Compreender esses deslocamentos discursivos do ponto de vista sociológico requer identificar a dinâmica social que lhe é subjacente, o que esta investigação buscou realizar apontando as disposições assumidas pelos teólogos da libertação enquanto grupo social de intelectuais ante a situações de crise. Enquanto na primeira fase do debate essa rede intelectual elabora uma nova filosofia da história (metanarrativa) para manter sua identidade, na atual fase de revisão de seu discurso a nova conjuntura eclesial permite que, a despeito do caráter mais difuso de suas propriedades teóricas, sua semântica discursiva seja apresentada como algo já tradicional na América Latina, e que foi incorporado no repertório oficial da instituição. Em termos da sociologia dos intelectuais, vale dizer que seus intelectuais transitaram da situação de mandarins para a de sacerdotes, o que representa um processo de maior tradicionalização e burocratização dessa tendência teórica.

É claro que a análise das transformações semânticas do discurso da TdL não esclarece, por si mesma, qual o real peso e a influência que o catolicismo da libertação, enquanto segmento, ainda possui na igreja católica do Brasil. Mas isso já é tarefa para outro texto. De todo modo, compreender o que se passa internamente nessa tendência, especialmente em relação a seu repertório discursivo, é uma condição fundamental para essa tarefa mais ampla, para o qual este trabalho, sem pretender esgotar o assunto, espera ter apresentado algumas contribuições.

Referências

AMARAL, Roniere Ribeiro do. *Milagre político: catolicismo da libertação*. São Paulo: Anablume, 2016.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuria*. São Paulo: Loyola, 2010.

AQUINO JUNIOR, Francisco de. *Teoria teológica: práxis teologal sobre o método da teologia da libertação*. São Paulo: Paulinas, 2012.

BAPTISTA, Paulo Agostinho Nogueira. *Libertação e ecologia: a teologia teoantropocósmica de Leonardo Boff*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BENTO XVI. Sessão inaugural dos trabalhos da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe: discurso do Papa Bento XVI. Discursos, Vaticano, 13 mai. 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedictxvi/pt/speeches/2007/may/documents/hf_ben-xvi_spe_20070513_conference-aparecida.html. Acesso em: 31 mai. 2014.

- BOCK, Carlos Gilberto. *Teologia em mosaico: o novo cenário teológico latino-americano nos anos 90. Rumo a um paradigma ecumênico crítico*. São Leopoldo: Escola Superior de Teologia, 2002.
- BOFF, Clodovis Maria. *Teologia do político e suas mediações*. Petrópolis: Vozes, 1978.
- BOFF, Clodovis Maria. Volta ao fundamento: réplica. *Revista eclesiástica brasileira*, v. 68, n. 272, p. 892-927, 2008.
- BOFF, Clodovis Maria. A crise da igreja católica - Frei Clodovis Boff. *You Tube*. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=f-Q4w4FOuHI>. Acesso em: 31 mai. 2024.
- BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade: a emergência de um novo paradigma*. São Paulo: Ed. Ática, 1993.
- BOFF, Leonardo. “O Papa Francisco é um dos nossos”. *Instituto Humanitas Unisinos*, São Leopoldo, 06 jan. 2007 [2016]. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/186-noticias-2017/563682-leonardo-boff-em-entrevista-o-papa-francisco-e-um-dos-nossos>. Acesso em: 31 mai. 2024.
- BOFF, Leonardo. “Ele é da nossa linha”, diz Leonardo Boff sobre Papa Francisco. *You Tube*. 2022. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=EbhMXUjw55E>. Acesso em: 31 mai. 2024.
- BRIGHENTI, Agenor. *O novo rosto do clero: perfil dos padres novos no Brasil*. Petrópolis: Editora Vozes, 2021.
- BRIGHENTI, Agenor. *O método ver-julgar-agir: da Ação Católica à teologia da libertação*. Petrópolis: Editora Vozes, 2022.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. *Sombras na catedral: a influência New Age na Igreja Católica e o holismo da Teologia de Leonardo Boff e Frei Betto*. Numen, v. 01, n. 01, Juiz de Fora, p. 85-125, 1998.
- CHAOUCH, Malik Tahar. Mitos y realidades sociológicas de la teología de la liberación en América Latina. *Estudios Sociológicos*, v. 25, n. 73, p. 69-103, 2007.
- CNBB. *Análise de conjuntura eclesial*. 2023. Disponível em: <https://katholikosbrasil.com/wp-content/uploads/2023/04/ANALISE-DE-CONJUNTURA-ECLESIAL-ASSEMBLEIA-GERAL-DA-CNBB.pdf>. Acesso em: 31 mai. 2024.
- CODINA, Victor. A teologia latino-americana na encruzilhada. *Perspectiva Teológica*, v. 31, n. 84, p. 181-181, 1999.
- GUIMARÃES, Edward; SBARDELOTTI, Emerson; BARROS, Marcelo. *50 Anos de Teologias da Libertação: memória, revisão, perspectivas e desafios*. São Paulo: Editora Recriar, 2022.
- HABERMAS, Jürgen. *Para a reconstrução do materialismo histórico*. São Paulo: Brasiliense, 1983.

LEITE, Pedro Igor. Sobre a disputa acerca do método da Teologia da Libertação. *Pesquisas em Teologia*, v. 5, n. 9, p. 105-127, 2022.

LIBANIO, João Batista. Panorama da teologia da América Latina nos últimos 20 anos. *Perspectiva Teológica*, v. 24, n. 63, p. 147-147, 1992.

LIBANIO, João Batista. Teologia em revisão crítica. *Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 11, n. 32, p. 1328-1356, 2013.

LÖWY, Michael. *A guerra dos deuses: religião e política na América Latina*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

LØLAND, Ole Jakob. The Solved Conflict: Pope Francis and Liberation Theology. *International Journal of Latin American Religions*, v. 5, n. 2, p. 287-314, 2021.

LUHMANN, Niklas. *Gesellschaftsstruktur und Semantik*. Frankfurt a.M: Suhrkamp, 1980.

OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de. O catolicismo: das CEBs à Renovação Carismática. *Revista eclesialística brasileira*, v. 59, n. 236, p. 823-835, 1999.

OLIVEIRA, Manfredo Araújo. Ampliação do sentido de libertação. *Perspectiva Teológica*, v. 30, n. 81, p. 273-273, 1998.

RICHARD, Pablo. A Teologia da Libertação na nova conjuntura: temas e novos desafios para a década de noventa. *Estudos Teológicos*, v. 31, n. 3, p. 206-220, 1991.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. A Teologia da Libertação morreu? Um panorama da teologia latino-americana da libertação e questões para aprofundar o debate teológico na entrada do milênio. *Revista Eclesialística Brasileira*, v. 63, n. 250, p. 320-353, 2003.

RÖMER, Thomas. The Invention of History in Ancient Judah and the Formation of the Hebrew Bible. *Die Welt des Orients*, v. 45, n. 02, p. 255-272, 2015.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SOFIATI, Flávio Munhoz. O novo significado da “opção pelos pobres” na Teologia da Libertação. *Tempo Social*, v. 25, p. 215-234, 2013.

STEIL, Carlos Alberto. A igreja dos pobres: da secularização à mística. *Religião e sociedade*, v. 19, n. 2, p. 61-76, 1999.

STEIL, Armin. *Krisensemantik: wissenssoziologische Untersuchungen zu einem Topos moderner Zeiterfahrung*. Berlin: Springer-Verlag, 2013.

SUNG, Jung Mo. *Economia: um tema quase ausente na Teologia da Libertação*. 215f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1993. Orientador: Júlio de Santa Ana.

SUSIN, Luiz Carlos. Teologia da Libertação: de onde viemos, para onde vamos?. *Horizonte: revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 11, n. 32, p. 1678-1691, 2013.

VALÉRIO, Mairon Escorsi. *O continente pobre e católico: o discurso da teologia da libertação e a reinvenção religiosa da América Latina (1968-1992)*. 354f. Tese (Doutorado em História), Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

VIGIL, José María. Mudança de paradigma na Teologia da Libertação?. *Revista eclesialística brasileira*, v. 58, n. 230, p. 311-328, 1998.

[MWG I/22-2] WEBER, Max. *Wirtschaft und Gesellschaft. Religiöse Gemeinschaften*. Organizado por Hans G. Kippenberg, em cooperação Petra Schilm e Jutta Niemeier. Tübingen: Mohr Siebeck, 2001.

Recebido em: 05/06/2024

Aprovado em: 02/04/2026

Conflito de interesses: Nenhum declarado.

Editor responsável: João Manuel Duque e Victoria dos Santos Bustamante.